

**PALAVRAS NA ENCRUZILHADA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO
RACISMO RELIGIOSO**

**WORDS AT THE CROSSROADS: A DISCURSIVE ANALYSIS OF
RELIGIOUS RACISM**

Henriclay Oliveira Fernandes¹
Universidade Estácio de Sá - UNESA

Vanessa Goes Denardi²
Centro Universitário Estácio de Santa Catarina

Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar e analisar o racismo religioso em enunciados, discursivizados em jornais, sobre as comunidades tradicionais de terreiro. De caráter qualitativo e arquitetada por uma metodologia de Análise Dialógica do Discurso (ADD), a pesquisa ancora-se nos limites e entrecruzamentos das áreas da Linguística, da História e do Direito, tendo a linguagem como ferramenta principal, que abrange campos intersubjetivos e sociais e que é materializada por meio de enunciados, os quais estão sempre atravessados por uma ideologia. Diante disso, ao serem analisados alguns discursos jornalísticos sobre as religiões afro-brasileiras, verificou-se que a intolerância religiosa tem como origem o preconceito racial e que as significações racistas estão entrelaçadas com o discurso sócio-histórico.

Palavras-chave: Racismo religioso. Comunidade de terreiro. Direito das religiões afro-brasileiras.

Abstract

This article aims to identify and analyze religious racism in statements made in newspapers about traditional terreiro communities. Of a qualitative nature and architected by a methodology of Dialogical Discourse Analysis (DDA), the research is anchored in the limits and intersections of the areas of Linguistics, History and Law, having language as its main tool, which covers intersubjective and social fields. and that is materialized through statements, which are always crossed by an ideology. Therefore, when analyzing some journalistic discourses about Afro-Brazilian religions, it was found that religious intolerance has its origins in racial prejudice and that racist meanings are intertwined with the socio-historical discourse.

Keywords: Religious racism. Terreiro community. Law of Afro-Brazilian religions.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva identificar e analisar o racismo religioso em enunciados

¹ Licenciando em Letras - Língua Portuguesa. E-mail: fernandeshenriclay@gmail.com.

² Mestra em Educação (UDESC) e Doutoranda em Linguística (UFSC). Professora do Centro Universitário Estácio de Santa Catarina e Faculdade Estácio Florianópolis. E-mail: goes_vanessa@hotmail.com.

jornalísticos, compreendendo, assim, a relação entre a linguagem – que, enquanto instrumento vivo e mutável atravessado por uma ideologia, pode ressignificar ou manter conceitos/significados – e as religiões de matriz africana. Nesse sentido, buscaremos compreender o uso de expressões racistas encontradas em algumas matérias publicadas em jornais brasileiros (Folha de Pernambuco, Folha de São Paulo, Redação Jornalistas Livres, F5 News e G1), as quais parecem germinar concepções discriminatórias por meio da intolerância religiosa contra comunidades tradicionais de terreiro.

Como forma de desenvolver as ideias expostas, se faz útil pensar que as comunidades tradicionais de terreiro, assim atualmente chamadas, são consequências de antigas resistências de ancestralidade africana que, na fundação desses ambientes e baseadas em uma leitura hierárquica da época, se apoiaram no objetivo de edificar um espaço de acolhimento e de refúgio a fim de evitar a continuação da tortura resultante da escravidão, o que deu origem ao que se chama de quilombo. Os quilombos foram, e ainda são, espaços de resistência contra o preconceito e o racismo, os quais, segundo Adilson Moreira (2019), têm um papel central quando se fala em religiões afro-brasileiras,

pois cria e propaga imagens culturais destinadas a hierarquias sociais entre negros e brancos. Assim, essas duas identidades são construídas a partir de uma lógica oposicional na qual grupos de pessoas são racializadas de forma bem distintas em função das relações de poder que possuem dimensões culturais, políticas, históricas e econômicas (MOREIRA, 2019, p. 43).

Logo, o racismo é praticado por um determinado grupo social que demarca um território ideológico, dominante e sistematizado, por meio da linguagem (ou outras semioses) para conseguir adentrar às consciências individuais da população e conquistar o apoio das variadas classes sociais. Posto isso, é indispensável elucidar que a linguagem, “*sempre repleta de conteúdo e significação ideológica*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 181, grifo do autor), é abundante em relação aos domínios físicos e psíquicos e que não está limitada somente aos atos verbais. A ideologia racista, quando adentra à consciência individual, pode fazer desabrochar

[...] sentimentos conscientes e inconscientes que sustentam atitudes negativas em relação a negros são ancorados pelo funcionamento do psiquismo humano. Nós racionamos por um processo de percepção, classificação e generalização, elementos responsáveis pela criação de esquemas mentais a partir dos quais pessoas e situações são interpretadas. Mais do que meras construções cognitivas, eles possuem conteúdos

formados por representações sociais dos diferentes grupos (MOREIRA, 2019, p. 46).

Podemos pensar e tomar como exemplo a escravização de negros no Brasil, os gestos de sofrimento dos escravos enquanto espancados por detentores de uma ideologia dominante, muitas vezes amarrados em troncos de árvores, muitas vezes amordaçados com as máscaras de ferro na boca, ou seja, condicionados a explorações que objetivavam ter domínio sobre o corpo e a mente dos negros no sentido de que, por meio dessa ação violenta, o dominado silenciasse e entendesse como uma punição justa, como uma ação corretiva que buscava o tornar eficiente. Nesse sentido, a ideologia dominante buscava à época, dentro de seus limites, refratar e distorcer uma realidade, enquanto a ideologia dominada, pertencente aos escravizados, questionava a representação dessa realidade e tentava transformá-la (BAKHTIN, 2017 [1929]).

As agressões físicas e as tentativas de destruição de um espaço como o terreiro, que aparece historicamente enquanto território quilombola, possibilitam até hoje várias leituras, através da linguagem, acerca desses gestos e daqueles que estão em posição de domínio e de dominação. Em uma luta dialógica de ideologias e de consciências sociais e individuais, que só acontecem no processo de interação social, a ideia de intolerância religiosa e de racismo pode fazer surgir a vontade de exterminar para silenciar presenças de matriz africanas.

Para refletir acerca da epistemologia de terreiro, o babalorixá Sidnei Nogueira (2020) salienta que:

Não se pode negar que a problemática epistemológica é resultado de um sistema sócio-histórico-político-cultural e, nesse mesmo sentido, é também uma problemática étnico-racial. [...] As ações que dão corpo à intolerância religiosa no Brasil empreendem uma luta contra os saberes de uma ancestralidade negra que vive nos ritos, na fala, nos mitos, na corporalidade e nas artes de sua descendência. São tentativas organizadas e sistematizadas de extinguir uma estrutura mítico-africana milenar que fala sobre modos de ser, de resistir e de lutar. Quilombo epistemológico que se mantém vivo nas comunidades de terreiro, apesar dos esforços centenários de obliteração pela cristandade (NOGUEIRA, 2020, p. 55).

Dessa forma, na sociedade brasileira, tomando da linguagem falada aos gestos, ao contrário dos grupos que praticam religiões hegemônicas, com o intuito de fortalecer as suas teorias preconceituosas e de demonização por meio dos

estereótipos negativos, as comunidades tradicionais de terreiro buscam o partilhamento das tradições africanas por meio da oralidade, dos ritos gestuais, a fim de fortificar os laços ancestrais e manter a linguagem em contínuo veículo que permite propagar as origens e criar infinitos significados com o intuito de fortalecer a resistência dessa tradição para além de apenas um espaço de culto religioso.

2 ARQUITETURA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Diante da contextualização feita na seção anterior, faz-se necessário abordaremos as concepções metodológica e teórica basilares desta pesquisa. Enquanto método, optamos por utilizar a abordagem da Análise Dialógica do Discurso (ADD) frente aos enunciados, os quais são a materialização de um discurso, de um projeto de dizer que, oral ou escrito, está ligado ao contexto das relações sociais, isto é, o enunciado concreto, “nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes do enunciado. O seu significado e a sua forma são determinados principalmente pela forma e pelo caráter desta interação.” (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 128).

A ADD, consolidada a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, não é uma metodologia fechada em si mesma, pois ela trabalha com a possibilidade de um novo entendimento da linguagem humana e de outras formas de produção de sentido, numa aproximação crítica dos objetos históricos e com uma dialogicidade que implica um método de compreensão viva e intersubjetiva dos discursos que se analisa. Segundo Beth Brait (2018 [2006], p. 13-14), com a ADD podemos

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos.

Embasados na ADD e considerando a temática do racismo religioso, empreendemos, por meio da plataforma Google, a busca pelos dados de pesquisa em

matérias publicadas em jornais online e de grande circulação no Brasil entre os anos de 2015 e 2021. Foram pesquisados os termos “intolerância religiosa” e “racismo religioso” e, após a seleção e classificação dos materiais, obtivemos quatro textos que nos serviriam como fonte de descrição das características das enunciações discriminatórias em direção às comunidades afro-brasileiras. Após esses procedimentos, iniciamos a análise que se apoiou na observação dos termos de teor racista proferidos e justificados pela categoria de intolerância religiosa. Ressaltamos que os dados da pesquisa (textos-enunciados) foram coletados nos seguintes jornais: G1 (2015), Redação Jornalistas Livres (2016), Folha de Pernambuco (2021), Folha de São Paulo (2021) e F5 News (2021).

A análise dos dados foi realizada a partir de uma arquitetura teórica que discute a articulação entre os conceitos de linguagem, ideologia e raça para pensar não somente a origem da intolerância religiosa contra comunidades afro-religiosas no Brasil, como também os debates que permitem compreender as conseqüentes repercussões desse preconceito para com as religiões de matriz africana.

O preconceito ou racismo religioso pode ser discutido com base na filosofia do Círculo de Bakhtin acerca de ideologia, a qual se materializa na linguagem em uso, tornando, signo ideológico. Nesse sentido, Valentin Volóchinov (2017 [1929], p. 91) afirma que:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social [...] mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia.

Na concepção dos filósofos da linguagem que compõem o Círculo de Bakhtin, para compreender o conceito de ideologia, é preciso pensar na base dialógica, na interação entre os sujeitos concretizada por meio de enunciados, isto é, os signos na qualidade de palavras, gestos, símbolos, que realizam manifestações a fim de produzir a comunicação e manifestar sentido, implicam sempre uma ideologia.

Em outras palavras, os autores sustentam que a linguagem é o instrumento utilizado para manifestar ideias, visões de mundo e sentimentos, e também explicam que é na interação que os sujeitos utilizam de enunciados os quais estabelecem esse

processo comunicativo no espaço sócio-histórico. Dessa forma, entende-se o enunciado como uma manifestação semiótica, que diz respeito à forma como o indivíduo atribui ou percebe o significado em meio a tecedura social, portanto, é compreendido por meio dos valores presentes na sociedade, que exaltam o papel do sujeito enquanto veículo propagador de concepções plurais.

Deste modo, a temática proposta neste artigo articula os conceitos em torno dos estudos afro-brasileiros e da linguagem para pensar os enunciados, enquanto projetos de dizer, como parte estrutural do racismo e da intolerância religiosa.

No cotidiano, é possível observar a origem das agressões discursivas às comunidades tradicionais de terreiro, embora justificadas pela intolerância religiosa, permanece acortinada, ainda que o contexto agressor inclua um sujeito que enuncia termos discriminatórios de base racista. Por isso, no desenvolvimento desta pesquisa, buscamos olhar criticamente para o que está no *corpus* jornalístico, observar quem fala, o que se fala e como se fala no que se refere às questões raciais de comunidades afro-brasileiras.

Sob as reflexões de Mikhail Bakhtin (2011) e Valentin Volóchinov (2017 [1929]), compreende-se que o discurso, seja escrito ou oral, implica nomeação que ocorre por meio da palavra conceituada, em outros termos, conquanto o processo de escrita possa ser pensado atenciosamente, precisa ser conceituado para, então, gerar o enunciado a fim de que o contexto seja definido. Já no ato verbal, porquanto as ideias existam e circulem no campo linguístico e existam possibilidades de edificar novos sentidos ou os propagar por meio das palavras, o enunciador assume o controle da fala protagonista com o intuito de envolver os sujeitos em seus pensamentos.

Sendo assim, a mensagem enviada tem o seu conteúdo situado num conjunto de valores e títulos, isto é, a partir do momento em que se nomeia, faz -se necessário conferir sentido incorporado nas vivências sociais oriundas das diversas visões de mundo. Logo, é neste contexto que se apresenta o problema desta pesquisa, uma vez que as comunidades de terreiro ressignificaram diversos termos de teor discriminatório e preconceituoso, fato que evidencia a não estaticidade significativa e possibilita pensar o porquê as religiões de matriz africana são insultadas por termos que carregam significados racistas e de que modo o uso da intolerância religiosa,

enquanto categoria, mascara a estrutura racial do preconceito.

É fundamental elucidar os caminhos do racismo como viés que germinou a intolerância religiosa contra comunidades de terreiro. Posto que esta não tolerância surgiu estruturalmente como arma preconceituosa a fim de silenciar e reprimir as culturas negras. Lilia Schwarcz (1993) evidencia que esse apagamento foi parte de um projeto higienista de embranquecimento do Brasil, assentado nas teorias raciológicas³ e na ideia de progresso.

Nesse contexto, verifica-se que a intolerância religiosa se desenvolve com as fortificações do racismo guiado pela linguagem em que há a possibilidade de fazer inferências e propagações de péssimos sentidos e estereótipos, conforme mostra Achille Mbembe (2014) acerca do lugar do negro no ocidente:

[...] Chamemos a isso o momento gregário do pensamento ocidental. Nele, o Negro é representado como protótipo de uma figura pré-humana incapaz de superar a sua animalidade, de se reproduzir e de se erguer à altura do seu deus. Fechado nas suas sensações, tem dificuldade em quebrar a cadeia da necessidade biológica, razão pela qual não chegou a moldar o seu mundo e a conceder a si mesmo uma forma verdadeiramente humana. É nisto que se afasta da normalidade da espécie (MBEMBE, 2014, p. 39).

Com base no exposto, a problemática persiste pela não observância da dimensão racial no contexto da intolerância que envolve as comunidades de terreiros. Nesse cenário, o racismo religioso impõe sistemáticas violências às comunidades de terreiro e é imperativo tratar sobre como a linguagem nesse contexto é uma ferramenta que possibilita a produção de significados dentro de uma cadeia discursiva. Esta pesquisa apresenta a sua relevância em buscar, não somente elucidar um cenário de racismo religioso, como também levantar discussões acerca da temática e dessa maneira contribuir com o combate a essa forma de discriminação.

Sob os prismas discutidos, estar em sociedade é exercer a incumbência da linguagem na qual há padrões que explicitam uma estrutura hierárquica, em que o negro e sua cultura têm constantemente reforçados um lugar de subalternização e demonização por meio dos conteúdos e nomeações contextualizadas negativamente voltadas a esse grupo. Portanto, evidenciando o fenômeno comunicativo que é a

³ O conceito de raça trabalhado aqui é discutido pela antropóloga Lilia Schwarcz em seu livro "Espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930" (1993), no qual a autora apresenta a construção da ideia de raça "que além de sua definição biológica acabou recebendo uma interpretação, sobretudo social." (SCHWARCZ, 1993, p. 17)

linguagem e suas múltiplas funções, constata-se que a mente do ser humano é como o dicionário, possui diversas estruturas de palavras que podem criar novos significados ou transitar nos vastos cenários de sentidos negativos e os propagar conforme interpretações em volta das relações sociais.

Assim sendo, os casos apresentados, por meio dos enunciados selecionados nos veículos de comunicação, são aqui investigados enquanto categorias enunciativas discriminatórias que confirmam o laço histórico e estrutural da intolerância religiosa contra as comunidades de terreiro com o racismo. Portanto, a semiótica enquanto ciência que estuda a construção dos significados, investiga as diversas direções das falas e concepções criadas ou reproduzidas nesse campo das relações, evidenciando que o sentido e as ações formam a linguagem.

3 O DISCURSO ENQUANTO PRODUTOR DO RACISMO EM JORNAIS

Consoante às concepções do Círculo de Bakhtin, é preciso, primeiramente, pensar na atividade comunicativa, em outras palavras, no discurso como um processo intersubjetivo e inter-relacional, pertinente aos sujeitos, enquanto ferramenta disponível na linguagem para não somente transmitir a mensagem na qualidade de forma, de palavras, de regras a serem seguidas, mas também de tentar explicitar o sentido mediado pela inferência de que o receptor compreenderá o conteúdo devido ao fato de que, além de compartilharem a mesma língua, manifestam objetivos, sentidos conforme os propósitos presentes na trama sócio-histórica. Ao considerarmos o discurso materializado de forma verbal, por meio de palavras, verificamos que ela e toda a sua realidade é sempre

[...] absorvida na sua função de signo. Não há nada na palavra que permaneça indiferente a essa função e que não seja gerado por ela. A palavra é o meio mais apurado e sensível da comunicação social. [...] A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 99-100).

Ao entendermos, portanto, que a palavra reflete e refrata determinada realidade e possibilidade estabelecer a interação entre sujeitos, os quais servem-se da linguagem para além de um processo sistemático, sobretudo como ação social que manifesta crenças, valores e juízos, percebemos que, no ato comunicativo, o enunciado singular não se justifica por si, ou seja, em um parâmetro individual, mas

sim na conjuntura social em que, por meio da linguagem, são manifestados os discursos, as ideias. Nesse aspecto, Beth Brait (1997), ao buscar a compreensão dos diversos modos de produzir significações pelos enunciados, explica que:

As formas de representação e de transmissão do discurso de outrem, parte integrante, constitutiva de qualquer discurso, quer essa heterogeneidade seja marcada, mostrada ou não, bem como a natureza social e não individual [...]. O discurso, isto é, não enquanto fala individual, mas enquanto instância significativa, entrelaçamento de discursos que, veiculados socialmente, se realizam nas e pelas interações entre sujeitos (BRAIT, 2005 [1997], p. 95).

Na teoria bakhtiniana, de modo geral, falar em discurso é colocá-lo no campo das relações humanas, dialógicas, visto que as enunciações possuem vastos significados que são adquiridos por meio da leitura de um cenário histórico ou reconstruídos através do processo de socialização dos indivíduos. Nesse sentido, observaremos em nossa análise o discurso como uma categoria veiculada pela linguagem e os sujeitos como portadores de pontos de vista que produzem diferentes efeitos de sentidos, de ideias, de concepções que refletem e refratam o mundo social por meio de uma ideologia.

Portanto, apresentada a noção acima de que de os discursos são formados por concepções nomeadas de ideologias que estão presentes na interação social, ou melhor, que constituem o espaço semiótico e ideológico, é urgente compreender que o processo de enunciação está entrelaçado com as ideologias partilhadas e também inferidas mediante outras visões existentes, ou seja, com as concepções coletivas a respeito das relações sociais.

Assim, apresentamos o caso encontrado em um texto do jornal *Redação Jornalistas Livres* (2016), que expõe o emprego dos vocábulos “macaco” e “demônio” redigidos no enunciado “[...] família dos macacos vão embora com seus demônios [...]” em carta escrita à mão e sem remetente explícito deixada na comunidade de terreiro Ilê Axé Oxalá, situada em São Carlos (SP). A partir desse enunciado, observamos as estruturas na qualidade de categorias semânticas, buscando analisar os significados dos termos e a relação dialógica que possuem enquanto contexto.

Depreendendo a enunciação escrita, constatamos o processo de estereotipação na medida em que se verifica a reprodução do racismo em relação aos traços de selvageria e animalização fazendo referência à raça. Por essa encadeação, ao chamar a comunidade de “família dos macacos”, há associação entre um ser não

animal e um animal, executada em função do construto teórico que biologiza a categoria raça e assim oferece repercussões sócio-históricas.

Ainda nesse cenário, na imperatividade discursada "vão embora com seus demônios", se alcança a finalidade de expulsar e silenciar o povo de terreiro a fim de que estes retornem ao grupo de origem, a um grupo ideologicamente satanizado e isolado da sociedade superposto. Isto posto, alcança-se que:

A permanência do racismo exige, em primeiro lugar, a criação e a recriação de um imaginário social em que determinadas características biológicas ou práticas culturais sejam associadas à raça e, em segundo lugar, que a desigualdade social seja naturalmente atribuída à identidade racial dos indivíduos ou, de outro modo, que a sociedade se torne indiferente ao modo com que determinados grupos raciais detêm privilégios (ALMEIDA, 2019, p. 74).

Rumo às significações, ao decodificar as palavras, embora o termo "macaco" possa despertar menção à propriedade de animal, o nome "demônio" aparece no imaginário popular associado a ideia de "mau", de "antagonista", de "inimigo", visto que na cultura hegemônica cristã a figura do demônio é a personificação de tudo que é mau, como bem exemplifica o professor e babalorixá Sidnei Nogueira (2020, p. 26-27): "[...] o que temos visto é a imposição por meio da criação de um inimigo comum sempre associado às tradições de origem africana no Brasil. [...] Está posto que, de modo geral, a cristianização da sociedade é mais do que um movimento de fé". Em síntese, para que o sujeito se identifique enquanto objeto nomeado, requer conhecimento prévio de onde veio, da sua cultura e dos estereótipos que recaem sobre esta. Desta forma, a palavra possui um significado que indica sentido e direção, o que faz do signo uma concepção compartilhada.

Neste segundo caso analisado, a Folha de Pernambuco (2021) relata que a emissora de televisão Record, em uma reportagem no programa "Fala Que Eu te Escuto", mostrou um caso que aconteceu em 2019 entre a cantora Beyoncé e sua ex-baterista, Kimberly Thompson, em vídeos que circularam pelas redes sociais. Na ocasião, a baterista foi aos tribunais alegar que a cantora havia praticado bruxaria com ela e matado o seu gato. Diante desse fato, o veículo jornalístico divulgou que a Record contou o caso de forma pejorativa, citando-o como "magia negra", e ainda mostrou imagens do álbum visual "Black Is King" de Beyoncé, o qual exalta os valores positivos da cultura africana.

Baseado no exposto, a intenção de quem enunciou o termo “magia negra”, por meio da emissora Record, fez referência à estrutura social, ao significante contextualizado em ideias preconceituosas e racistas, ou seja, manifestou valor negativo que foi imposto aos negros e a sua cultura durante a colonização, resgatando o sentimento de dor, do preconceito racial, da discriminação cultural, conseqüentemente, do racismo religioso. Para refletir o processo do racismo inserido na linguagem, Gabriel Nascimento (2019) explica que:

[...] é preciso entender, portanto, o signo “negro” como um conceito novo, criado pela branquitude e não como um conceito natural. Ou seja, os negros africanos, antes de serem colonizados e sequestrados, não se chamavam como “negros” ou reivindicavam para si a identidade “negra” como naturalmente deles” (NASCIMENTO, 2019, p.11).

Por meio do amparado, a fim de explicar a nomeação, fio que viabiliza o conceito, faz-se necessário estudar o sentido, dado que este é uma das ferramentas existentes no campo da linguagem, é a faculdade que permite perceber as sensações em meio a sociedade. Através desse aparato, encontra-se a possibilidade de criar novas ideologias, que são as ideias obtidas a partir das percepções, das formas de interpretações mediante relações no corpo social, ou sustentar o significado já contextualizado a respeito dos nomes.

Nessa conjuntura, servindo-se da fixação como estrutura rompida, a construção “magia negra”, enquanto categoria discursiva, foi ressignificada pela comunidade de terreiro, posto que a palavra passa a fazer menção às tradições africanas, ao orgulho das raízes, aos povos iorubanos e a suas culturas e crenças que deram origem ao candomblé no Brasil. Sendo assim, o ato de ressignificar é oriundo da ação de atribuir um novo significado a acontecimentos, muitas vezes dolorosos, a algo que existe e, por esse parâmetro, percebe-se que, segundo Umberto Eco (2014):

As tentativas de estabelecer o elemento de um signo estão vinculadas às mensagens mediante concepção intersubjetiva, ou seja, representa uma convenção cultural. Mas, a admitir-se que o referente é uma entidade concreta e única, isto é, estática, singular, surge o problema, a resolver, do significado daquelas expressões que não podem corresponder a um objeto real (ECO, 2014, p. 256).

A investigar essa ótica heterogênea, evidencia-se que, a partir do termo “bruxaria”, os caminhos para o racismo foram abertos pela ideologia negativa de sinônimo imposta no enunciado “magia negra” oriunda da convicção social discriminatória. Nessa linha de observação, o problema se dá por meio da

disseminação da notícia, a emissora, além de nomear e conceituar de modo preconceituoso, exibiu o clipe “Black Is King” no qual a cantora tenta ressignificar os valores e a cultura africana, uma vez que sempre foi associada à escassez, à escravidão, sobretudo pela mídia.

Sendo assim, conquanto a construção sígnica tenha sido ressignificada pela comunidade de terreiro, a difusão, inclusive por meio do veículo de grande circulação que é a emissora, da noção de uma magia que é negra se encontra não só voltada para a prática de malefícios, a coisas de negro, mas também a prismas negativos resultando na construção abstrata, com base no grupo inferiorizado pelas diferenças étnicas, de uma magia que ao ser introduzida no território não branco se torna escura, sombria, ruim.

No terceiro caso por nós analisado e noticiado pela Folha de São Paulo (2021), em uma entrevista ao podcast de nome “Flow”, o cantor Roberto Souza Rocha, popularmente conhecido como Latino, ao relatar sobre a causa da morte de seu macaco de estimação, fez a seguinte afirmação:

Nessa parada de centro espírita, nesse bagulho aí de macumba, os caras fazem trabalhos pesados pra, pra infernizar a vida do outro, entendeu? e aí fizeram, se sei lá, de ebó, sei que porra que chama essa merda aí de macumbaria, né? Eu não acredito nessa porra, eu acredito que o mal tá na gente (LATINO apud FOLHA, 2021, s/n).

Ao usar o pronome “nesse” e suas flexões, que categoriza o local, sujeito e grupo, faz associação de ideologias espíritas kardecistas associadas às práticas de terreiro. Além do desconhecimento da epistemologia dos termos, o cantor afirma ocorrer a prática de oferendas que são pesadas e carregadas de teor satânico ao usar o radical “infern” acompanhado do sufixo “-izar”, fortificando a ação citada como uma prática contínua dentro das comunidades tradicionais de terreiro.

Como se não bastasse as afirmações, é realizável sustentar a seguinte análise quando o indivíduo significa o discurso ao fazer o uso do léxico “*ebó*”, que em língua iorubá significa sacrifício, esforços realizados dentro das tradições iorubanas que prevalecem dentro dos terreiros afro-brasileiros, o sujeito reforça, mais uma vez, que o contexto está voltado para as religiões afro-brasileiras logo que associa o termo anterior à “macumbaria”, que nesse cenário, significa algo que é mau.

Nessa circunstância, se verifica que os discursos, explícitos ou implícitos, circulam a caminho de uma direção que implica contextualização do conteúdo. A vista disso, durante a comunicação, não se pode garantir que o receptor obtenha o mesmo significado emitido, mas, por meio das inferências, o caminho se torna possível de ser interpretado através das visões de mundo. Destacamos aqui o termo ‘macumba’ pertinente ao pensamento acima, mas como os signos não são condicionados em um parâmetro individual e estático, urge um olhar analítico acerca do contexto.

Desse modo, ao identificar as ações que demarcam o território, que aspiram distinguir o que e quem não faz parte do sistema hegemônico, essa distinção ocorre com a intenção de exterminar uma comunidade. É justamente esse processo de diferenciação que insiste em inferiorizar o indivíduo que não se submete aos pretensiosos condicionamentos da cultura cristã. Nesse sentido, fica evidente que a causa implica uma consequência e se a intolerância atinge as comunidades de terreiro é através e à conta do racismo que vem sendo tratado como simples intolerância religiosa.

O quarto caso, observado no Jornal O Globo (2015), foi relatado pela colunista Yvone Maggie sobre a agressão contra a menina Kayllane Campos, de 11 anos, na saída de uma cerimônia de candomblé no Rio de Janeiro. Ainda que acompanhada de sua avó e de outros participantes, a menina foi acertada na cabeça por uma das pedras lançadas pela população. Na época, Kayllane Campos relatou: “Achei que ia morrer. Eu sei que vai ser difícil. Toda vez que fecho o olho eu vejo tudo de novo. Isso vai ser difícil de tirar da memória” (CAMPOS, apud O GLOBO, 2015, s/n). Durante o corrido, além da agressão física, os jovens proferiram versos da Bíblia e gritaram: “É o diabo, vai para o inferno, Jesus está voltando.”.

Na investigação do primeiro caso, o termo “demônio” surgiu associado ao processo de que a comunidade retornasse ao seu grupo satanizado, às suas origens. Por outro lado, a segunda ideia aqui apresentada reforça que o grupo é um objeto externo vinculado a imagens mentais resgatadas dos cenários enunciatórios sociais e transferidas ao discurso verbal, posto que a enunciação “é o diabo”, mediada pelo verbo de ligação “é” define o estado, liga o sujeito às características e o uso do artigo “o” determina o grupo.

Tal observação reafirma que as inferências feitas pelos jovens classificam o diabo às vistas, ou seja, enquanto ser concreto, materializado numa raça difundida preconceituosamente por meio das imagens enquanto estereotipação, tendo como aporte a linguagem. Pela ótica de Adail Sobral e Karina Giacomelli (2018, p. 3), "Falar, enunciar, é, desse modo, um ato que cria uma ligação entre o sistema linguístico e o sistema concreto de relações sociais, que chegam à nossa consciência por meio dos enunciados, dos discursos".

Deste modo, visto que o racismo é alimentado por intermédio do cenário dialógico, não sem tem dúvidas de que na interação, entre dois sujeitos e por meio da linguagem, é edificado. Posto isso, se compreende que sem a atividade discursiva não haveriam significações que sustentam as ideias em torno das palavras. Por esse ângulo, as significações não devem ser limitadas somente ao discurso oral, pois as agressões físicas ocorreram após o sujeito significar em sua mente de forma negativa a diferença do referente externo para com a sua e, então, realizar o ato verbal mediado pelas informações.

A caminho das ofensas, de modo imperativo, ordenam que os adeptos de matriz africana sigam para o 'inferno', consoante essa concepção, que lhes é pertinente, oriunda da estrutura de crenças e filosofias cristãs. Segundo Liz Feré (2018, p. 5):

[...] é possível perceber que as representações discriminatórias inseridas nas palavras têm suas origens em tais crenças, reforçadas pela influência e pelo poder político dominante no seio da igreja católica. Além disso, é preciso reforçar que [...] esses enunciados preconceituosos, representantes de um conjunto maior, são impregnados de lembranças, ecos e referências de outra vozes discursivas que, ao atravessarem o enunciado, fazem emergir diferentes efeitos de sentidos (FERÉ, 2018, p. 5).

No tocante às concepções individuais, surge a inquietação a fim de raciocinar que o indivíduo, enquanto sujeito inserido na sociedade, adquire visões de mundo, muitas vezes reprodutoras de violência, que estão ligadas ao externo, ou seja, toda e qualquer ideia surge do processo intersubjetivo e inter-relacional.

Por consequência, basta afirmar que o certo ou errado, superior ou inferior, possuem classificações que sustentam suas bases e as diferenciam que logo virá à tona as indagações a respeito de onde vieram os conceitos acerca desses

nomes. Assim dizendo, ainda no cenário dialógico, ao se deparar com um pensamento, a dedução e a sede de compreensão se dirigem à mente do indivíduo com o intuito de inferir e depreender o contexto a caminho das circunstâncias históricas, das falas e estereotipações que adquiriu, isto é, à vista desse cenário, nota-se que a intolerância religiosa se desenvolve com as fortificações do racismo guiado pela linguagem em que há a possibilidade de fazer inferências e propagações de bons ou péssimos sentidos. Acresce também refletir segundo Cleilton Pazini e André Filipe (2021, p. 99):

Por religiões de matriz africana referimo-nos aos sistemas culturais e religiosos adotados como modo de vida por descendentes de negros escravizados, representados comumente nos candomblés e nas umbandas. Tais religiões têm sido secularmente associadas de forma equivocada com a figura do diabo cristão, o que trouxe consequências nefastas para a população negra ao longo da história.

Baseado nessa discussão, urgente se faz compreender que todas as narrativas preconceituosas e que demonizaram as tradições de matriz africana se fortificaram no momento em que os africanos e adeptos de candomblé exerceram suas práticas no Brasil. Devido a isso, usaram da resistência e do sincretismo por meio da adoração de imagens católicas com o intuito de manter a fé e a tradição vivas.

Ainda nesse enredo, o candomblé, termo que, de modo geral, sem especificar os tipos de nação, teve origem por intervenção de diversos cultos e diferentes culturas. Contudo, vale ressaltar o contexto em que os negros foram trazidos por meio da força e não simplesmente chegaram ao Brasil. Por isso, embora o processo de troca de saberes tenha envolvido a língua e práticas distintas, tenha colaborado com a difusão das tradições, se faz importante não esquecer que o objetivo dos colonizadores era juntá-los e os colocar em posição de rivalidade e para pensar profundamente nesse histórico, Cleilton Pazini e André Filipe (2021, 110) relatam que:

A história dos povos negros em diáspora no Brasil tem sido uma história de luta e resistência desde o momento em que o primeiro navio negreiro atracou em costas brasileiras. Como se viu, os negros escravizados foram alvo de todo tipo de violência na tentativa de subjugar seus corpos e mentes, notadamente a violência cultural, na tentativa de dizimar ou cooptar seus símbolos e crenças.

Por conseguinte, ao identificar a existência e continuidade das comunidades tradicionais de terreiro como espaços que preservam os conhecimentos e presenças ancestrais negras, constata-se que agressões às religiões de matriz africana e todas tentativas de silenciamento, de gerar desarmonia para fomentar a rivalidade entre os povos de diferentes culturas, estiveram e estão entrelaçada com as narrativas situadas nas concepções históricas do racismo.

Com o intuito de refletir as diversas discussões sobre os casos de intolerância religiosa, observou-se no jornal F5 News (2021) *que*, em Sergipe, consoante os dados da Coordenaria de Estatística e Análise Criminal (CEACRIM), no ano de 2020 foram registradas 32 vítimas de discriminação por preconceito de raça, cor, etnia e religião. Já em 2019 foram registradas 25 vítimas desse tipo de ação. Além disso, há explicações na matéria jornalística que relatam ser o exercício de liberdade religiosa a proteção de fé e que o Brasil tem normas jurídicas que visam punir a quem comete a intolerância religiosa. Pois, como apresentado no *corpus*, segundo a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei nº 9.459, de 15 de maio de 1997, é considerado crime a prática de discriminação ou preconceito contra religiões, uma vez que a liberdade religiosa é garantida pela Constituição Federal de 1988 que está descrita no artigo 5º e possui 77 incisos sobre os direitos fundamentais garantidos aos cidadãos.

Todavia, identificar os manifestos enunciatórios, ou seja, as atividades comunicativas como instrumentos pertinentes à linguagem e as percebendo presentes no veículo de comunicação que é a Constituição Federal de 1988, urge pensar que esta, ao assegurar a liberdade de crença, realiza uma ação indagável em relação às consequências do que a levou a definir essa ideia de liberdade, segundo Sidnei Nogueira (2020, p. 25-27):

De um lado, a Constituição de 1988 garante expressamente em seu artigo 5º, tanto no *caput* quanto no inciso VI, a liberdade de crença não apenas como o direito de acreditar no que lhe convier, mas também numa perspectiva de que cada indivíduo pode professar a sua fé e ela será protegida, dentro dos parâmetros legais, por meio da proteção aos templos e cultos dela emanarem. De outro lado, porém, o que temos visto é a imposição por meio da criação de um inimigo comum sempre associado às tradições de origens africana no Brasil. Isso não começou ontem, mas foi uma regra ao longo da nossa história. Essa liberdade que já constava na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) não existia nas primeiras leis ordinárias e constituições nacionais. Ao contrário, ao longo de boa parte de nossa história, a lei foi utilizada como ferramenta de desigualdade e opressão contra povos

trazidos para a colônia na condição de escravos e se voltaria contra uma das principais manifestações culturais do país: o Candomblé.

Partindo dessas análises, visualizar a constituição e suas configurações como categoria histórica, ou melhor, construída com base na leitura das ideias, dos costumes hegemônicos e racistas da época, ainda que o jornal tenha citado a lei como uma forma de evidenciar o livre exercício de fé de cada sujeito, de forma crítica, não se pode olhar rapidamente para as leis apenas dentro de um contexto que explica um direito de exercício religioso que não é seguido, que não é respeitado nas vivências sociais, pois, segundo Sidnei Nogueira (2020, p. 36):

Atualmente, o que se tem chamado de intolerância religiosa está no seio de um processo de colonização do país. Esse processo tem deixado marcas profundas em uma ideia também ilusória de democracia religiosa e laicidade. A verdade é que o Brasil, como sociedade ocidental, não nasceu como uma democracia religiosa. Não é necessário que se vá muito longe na história do nosso país para entender que a intolerância religiosa e a farsa da laicidade têm com origem o colonialismo.

Diante das discussões, enxergar essa não tolerância como simplesmente uma consequência de quem não tolera algo é se limitar ao contexto religioso, é preciso ir além deste para que a categoria dessa forma de preconceito não camufle as ações políticas e culturais racistas que lhe deram origem. Nessa techedura, conforme o depoimento, encontrado no *corpus*, da delegada Meire Mansuet e sacerdotisa do culto de angola: “O crime de intolerância religiosa se configura a partir do momento em que a pessoa pratica a discriminação [...] A pessoa é vítima quando, ao exercer seu direito constitucional de prática religiosa, sofre algum tipo de preconceito, ou seja, o racismo religioso.” (apud F5 NEWS, s/n). Ainda nesta mesma matéria, também foi encontrado o relato de Irivan de Assis, coordenador do Fórum Sergipano das Religiões de Matriz Africana (FORSERMA): “Desde a minha infância, sofro discriminação racial e intolerância religiosa, até mesmo sendo retirado do ônibus, por vestir branco, sendo retirado do táxi, simplesmente por levar pipoca de Obaluaiê.” (apud F5 NEWS, s/n).

À vista dessas visões de mundo compartilhadas, é evidente que, embora os depoimentos possuam palavras diferentes, o contexto está voltado para a discriminação racial como raiz que fortifica a intolerância religiosa, bem como percebe-se que a cultura de silenciamento das tradições, dos gestos e vestimentas de presenças africanas esteve e continua presente intermediada pela linguagem

entrelaçada com as ações e concepções sócio-históricas. Segundo Gabriel Nascimento (2019, p. 19):

Uma vez que admitimos que o racismo está na estrutura das coisas, precisamos admitir que a língua é uma posição nessa estrutura. Em minha hipótese principal aqui, entendo que o racismo é produzido nas condições históricas, econômicas, culturais e políticas, e nelas se firma, mas é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação.

Portanto, ainda que constitucionalmente existam leis escritas a respeito da liberdade religiosa, verifica-se que não são seguidas simplesmente pela leitura de um grupo racista que se opõe as tradições ancestrais, pela leitura de um cenário que negou e inferiorizou o exercício de tradições negras a fim de destruir os espaços de resistência, de eliminar toda a cultura e a representação afro-brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, em confronto às formas de signos conceituados numa cadeia discriminatória e ideologicamente estática, voltar ao contexto histórico do racismo, que não é interpretável, é perceber a raça enquanto classificação designativa e histórica que ganhou diversas significações preconceituosas, sobretudo no processo de animalização e demonização.

Por esse ângulo, é imperioso compreender que tais conceituações dadas ao grupo atacado, durante a saída do terreiro, estão intrinsecamente arraigadas na estrutura social intermediada pela linguagem. Dado isso, é relevante entender que a necessidade de quem discursa, busca significar o objeto semiótico segundo a nova leitura ou releitura dos significados existentes.

A respeito das anteriores reflexões, atinente à interação, precisa-se pensar que esse processo ocorre mediante a coletividade, posto que, ao percorrer as encruzilhadas da comunicação, as falas estão entrelaçadas e, nesse viés, há exigência de um emissor e de um ouvinte, que é o receptor e, durante esse ato, o ouvinte virá a ser o falante e assim por diante.

Logo, não exaltar as ações que são consequências da causa de existir a linguagem e as possíveis enunciações com base na interlocução é tentar a excluir e

a retirar do meio social, pois o indivíduo enquanto sujeito inserido na sociedade se faz presente em uma relação dialógica ao estar em contato com um objeto não estático, ou seja, em que haja possibilidade de manter a interação.

Para mais, dizer algo a alguém requer primeiro estruturar uma palavra e, de forma simultânea, a conceituar com o intuito de manter a comunicação, isto é, o sentindo. Por outro lado, ao enunciar o termo, quem emite supõe que o receptor compreenderá, ou melhor, aceitará o signo significado mediante essa singularidade. Entretanto, uma visão de mundo parte da troca de saberes e propósitos adquiridos na vivência por meio da comunicação. Pois, assim como os nomes precisam ter conteúdo, com o discurso não é diferente. Além dos parâmetros observados, não se limitar a condição de que a ressignificação só acontece quando há harmonia é a base que sustentará e impulsionará a refletir sobre o rompimento do significado singular anexo na palavra.

Portanto, ao fazer a leitura do significado armazenado na memória, a singularidade discursiva aspira impor e disseminar o significado dado ao signo, todavia, se esse processo tiver ocorrido em direção ao objeto receptor, o que foi ajuizado pode não ter o mesmo sentido, por consequência, essa ação de ressignificar faz da linguagem uma encruzilhada de trocas ideológicas que podem ser mantidas ou modificadas conforme o interesse, o objetivo de cada ser humano.

Se possível fosse excluir ações da interação linguística, o que seria da sociedade e o que seriam as significações. Se possível fosse fixar os sentidos, o que seria da ressignificação, quem seria a resistência ao não condicionamento dos termos negativos. Se para uma raça vista como inferior, possível não fosse interpretar a diferença entre um ser humano não animal e um animal, o que seriam dos sentidos e de que lado estariam.

Desta maneira, os casos analisados nesta pesquisa mostram que para além de simples manifestação de intolerância religiosa, o preconceito direcionado contra as religiões de matriz africana tem origem e razão, fazem parte de uma mesma estrutura social, que tem como raiz o racismo contra o negro, que primeiro percebe o terreiro como espaço inimigo que deve ser aniquilado e assim traça estratégias para alcançar o seu objetivo.

Ademais, um dos modos de contribuir com a continuidade dessas discussões é mostrar como a academia, enquanto instituição central na produção de conhecimento, pode estar cada vez mais aberta a discussões de temas como o trabalhado nesta pesquisa. Como resultado, ao desenvolver uma investigação que intersecciona os estudos afro-brasileiros e a linguagem é possível contribuir de modo significativo, através da produção de conhecimento científico, com os debates que estão na academia e para além dela, alcançando determinada relevância social.

A caminho do desfecho, cogitar a investigação dos fatos na qualidade de ferramenta semiótica, é indispensável pensar as ações entrelaçadas com a linguagem na categoria que abrange os campos psíquico, intersubjetivo e inter-relacional. Como evidenciado, o discurso contextualizado no campo semântico ganha forma na enunciação verbal, que construída com base na leitura emocional, define o referente, ou seja, o assunto e, conseqüentemente, estabelece o sentido na mensagem enviada ao receptor.

Em suma, para que a comunicação ocorra é necessário edificar o sentido como base para assegurar o propósito comunicativo, pois a condição de apenas falar é resultado da língua enquanto código, é uma função psíquica. Por tudo isso, as conseqüências que são as mensagens enunciadas de forma agressiva contra as comunidades de terreiro são efeitos de uma narrativa causal que elucidam os discursos vistos ligados com falas e pensamentos que transitaram no cenário histórico do racismo enquanto enunciação e, por conseqüência, trazendo a conceituação intermediada pela significação intersubjetiva imposta em cada objeto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005 [1997], p. 87-98.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros**

conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-32.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. Cotia: Perspectiva, 2009.

FERÉ, Liz. O poder das palavras: relações de alteridade no seio do povo brasileiro, entre branquitude e negritude. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 11. p. 1-17, 2018.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: Um Encontro Possível. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005 [1997], p. 295-314.

LATINO é denunciado por intolerância religiosa após fala sobre morte de macaca. **Folha de São Paulo**. 21 abr. 2021. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/04/latino-e-denunciado-por-intolerancia-religiosa-apos-fala-sobre-morte-de-macaca.shtml>. Acesso em: 30 mai. 2022.

MAGGIE, Yvonne. Menina apedrejada: fanatismo e intolerância religiosa no Rio de Janeiro. **G1**. 18 jun. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/menina-apedrejada-fanatismo-e-intolerancia-religiosa-no-rio-de-janeiro.html>. Acesso em 30 mai. 2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

O RACISMO não bateu à porta, mas entregou uma carta. **Jornalistas Livres**. 05 dez. 2016. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/o-racismo-nao-bateu-porta-mas-entregou-uma-carta/>. Acesso em: 30 mai. 2022.

PAZINI, Cleilton; FILIPE, André. O demônio são os outros: a discriminação ao candomblé como manifestação do racismo. **Calundu**, v. 5, n. 2, p. 98-120, 2021.

RECORD é acusada de racismo por associar Beyoncé com 'magia negra'. **Folha de Pernambuco**. 06 jan. 2021. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/record-e-acusada-de-racismo-por-associar-beyonce-com-magia-negra/168000/>. Acesso em: 30 mai. 2022.

REGISTROS de intolerância religiosa crescem em Sergipe. **F5 News**. 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.f5news.com.br/cotidiano/registros-de-intolerancia-religiosa-crescem-em-sergipe-aponta-ssp.html>. Acesso em 30 mai. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 18, n. 2, p. 307-322, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLÓCHINOV, Valentin. Palavra na vida e palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926], p. 109-146.